

1º WORKSHOP – 17/11/2021

A HISTÓRIA DO ALGARVE E A PRIMEIRA GLOBALIZAÇÃO – ESTADO DA QUESTÃO

CONCLUSÕES

Este 1º workshop contribuiu de forma muito positiva e concreta para a elaboração de um balanço relativamente à historiografia que toma o Algarve como objeto de estudo, no período da primeira globalização, ou seja, nos séculos XV e XVI. Diversas linhas de rumo foram visíveis na generalidade das comunicações apresentadas, de que se deverão destacar os seguintes pontos:

- A existência de uma especificidade ‘algarvia’ na história de Portugal, que faz do ‘reino’ do Algarve talvez a única região nacional onde faz sentido pensar numa ‘história regional’ (com exceção dos arquipélagos atlânticos, claro).
- O caráter de fronteira do Algarve, simultaneamente ligado ao ‘reino’ de Portugal, a Marrocos, aos arquipélagos atlânticos e ao mundo mediterrânico, que faz dele uma região extremamente cosmopolita.
- A importância das viagens de descobrimentos e da expansão além-mar, nos séculos XV e XVI, na configuração desse Algarve cosmopolita, com importantes reflexos na vida quotidiana, nas atividades económicas, na formação das elites, na própria evolução urbana.

Em várias apresentações foi igualmente destacado o papel fundamental dos trabalhos de investigação do Professor Joaquim Romero Magalhães, que lançaram as bases de um conhecimento rigoroso e documentado do passado algarvio no período da primeira globalização, e nomeadamente de duas obras maiores:

- *Para o estudo do Algarve económico durante o século XVI*, originalmente impresso em Lisboa, nas Edições Cosmos, em 1970, e que há pouco foi reimpressa pela editora Sol, Sul e Sal, em Loulé, em 2019 (veja-se a recensão de Luís Filipe Oliveira, «Também para o estudo do Algarve», *Al-ulya: Revista do Arquivo Municipal de Loulé*, n. 21, 2019, pp. 97-102);
- *O Algarve económico: 1600-1773*, publicado em Lisboa, pela Editorial Estampa, em 1993 (veja-se a recensão crítica de Jean-Frédéric Schaub, publicada em «La péninsule Ibérique: Comptes rendus», *Annales: Histoire, Sciences Sociales*, vol. 46, n. 5, 1991, pp. 1155-1157).

Enfim, foram avançadas numerosas pistas de investigação a desenvolver no futuro, e que estão patentes nos textos-síntese dos diversos investigadores acima transcritos, e foram sugeridas possíveis atividades de desenvolvimento, que incluem, por exemplo, a criação de uma revista periódica sobre História do Algarve e a realização de encontros regulares de História do Algarve. Algumas comunicações chamaram

a atenção para a experiência já existente a este nível em diversos municípios algarvios, como Lagos (com as atividades da extinta Comissão Municipal dos Descobrimentos), Portimão (com as atividades do Instituto de Cultura Ibero-Atlântica) e Loulé (com a publicação da revista *Al-ulya* e a realização de jornadas de investigação).

De entre as várias sugestões apresentadas, algumas talvez se possam concretizar no âmbito do presente projeto de investigação, no contexto mais delimitado dos cinco municípios envolvidos (Aljezur, Lagos, Monchique, Silves e Vila do Bispo), a saber:

- elaboração de um Guia Bibliográfico sobre a História do Algarve;
- elaboração de um Guia de Fundos Documentais para a História do Algarve;
- elaboração de um Roteiro Histórico do Barlavento Algarvio.

A importância da publicação (ou republicação) de fontes históricas foi igualmente sublinhada em diversas comunicações, devendo destacar-se três exemplos repetidamente mencionados, que poderão ser incluídos no presente projeto de investigação:

- A publicação de uma nova edição da «Corografia do reino do Algarve» de Frei João de São José, de 1577, a mais exaustiva descrição do Algarve quinhentista, cujo manuscrito se encontra na Biblioteca Nacional de Portugal. Esta fonte narrativa foi incluída na obra *Duas Descrições do Algarve do Século XVI: Frei João de S. José, Corografia do Reino de Algarve (1577) e Henrique Fernandes Sarrão, História do Reino do Algarve (circa 1600)*, publicada em Lisboa pelas Edições Sá da Costa em 1983, sob a responsabilidade de Joaquim Romero Magalhães e de Manuel Viegas Guerreiro. Será viável publicar a breve trecho uma nova edição, com introdução, leitura modernizada e anotações.
- A publicação de uma nova edição do relato da «Jornada de D. Sebastião ao Alentejo e ao Algarve», datado de 1573, da autoria do cronista João Cascão, que foi incluído na obra *Uma Jornada ao Alentejo e Algarve*, de Francisco Sales de Loureiro, editada em Lisboa pelos Livros Horizonte, em 1984. Será viável publicar a breve trecho uma nova edição, com introdução, leitura modernizada e anotações, a partir do manuscrito conservado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e, se possível, do manuscrito pertencente à Casa de Cadaval.
- A publicação da parte relativa ao Algarve da «Descrição e plantas da costa, dos castelos e fortalezas, desde o reino do Algarve até Cascais», obra manuscrita do engenheiro italiano Alessandro Massai, datada de 1621, de que se conhecem dois exemplares distintos, um no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, outro no Museu da Cidade de Lisboa. A riquíssima parte cartográfica relativa ao Algarve nunca foi divulgada na íntegra, embora tenha sido amplamente utilizada na obra de Natércia Guimarães, *Algarve: Castelos, Cercas e Fortalezas*, publicado em Faro, em 2008, pela editora Letras Várias. Existe apenas uma edição da parte

textual, publicada por Lívio da Costa Guedes na obra *Aspectos do Reino do Algarve nos Séculos XVI e XVII: A «Descrição» de Alexandre Massai (1621)*, impressa em Lisboa em 1988, pelo Arquivo Histórico Militar. Aliás, esta edição da componente textual poderá ser utilizada numa eventual publicação da obra de Massai.